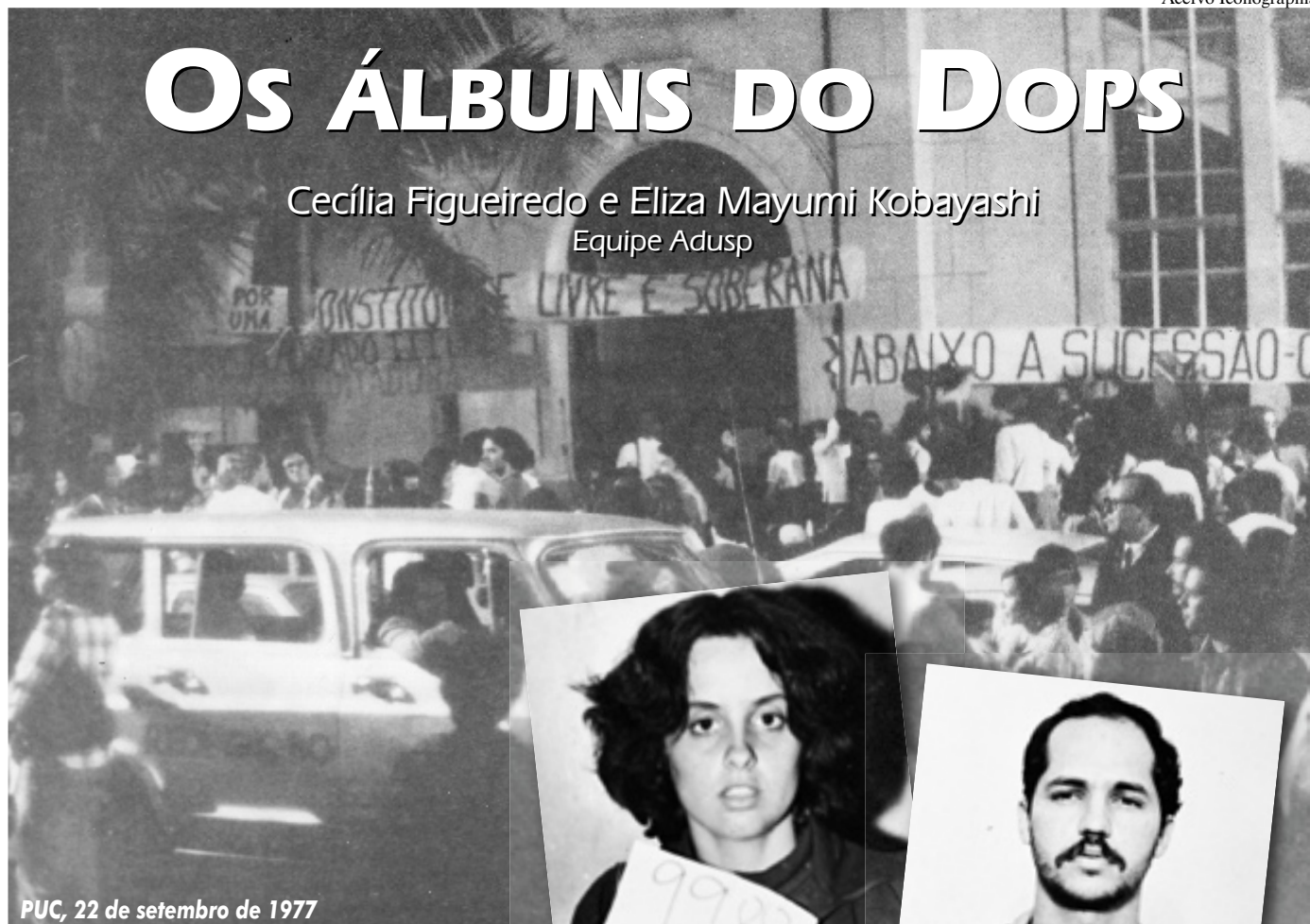


# OS ÁLBUNS DO DOPS

Cecília Figueiredo e Eliza Mayumi Kobayashi  
Equipe Adusp



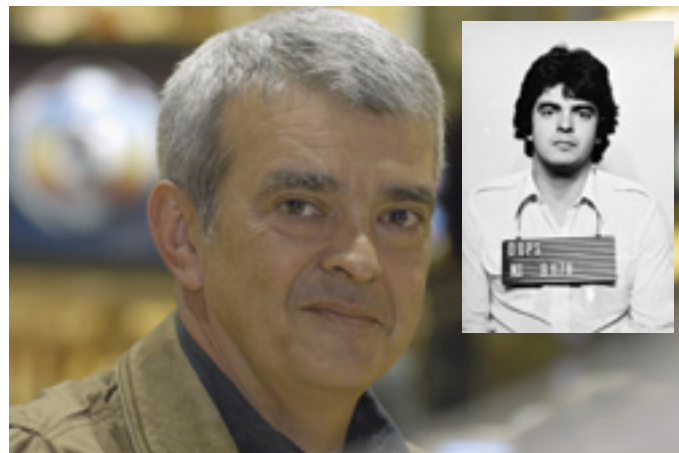
PUC, 22 de setembro de 1977

*Os arquivos do Dops guardam inusitados álbuns de fotografias. Neles estão registrados rostos — centenas deles — de uma geração que foi à luta contra a Ditadura. Muitos foram parar lá porque integravam diretorias de centros acadêmicos ou o DCE da USP. Outros tantos, porque foram presos na PUC, em 1977, por ordem do coronel Erasmo Dias. Entre aqueles que se tornariam posteriormente figuras públicas ou profissionais destacados, estão Geraldo de Siqueira Filho, que logo seria deputado estadual, Carlos Pletz Neder (**destaque**) e José Américo Dias, hoje vereadores em São Paulo, Júlio Turra, hoje membro da direção nacional da Central Única dos Trabalhadores (CUT). E Laura Capriglione (**destaque**) e Mário Sérgio Conti, jornalistas, Eduardo Giannetti da Fonseca e Lidia Goldenstein, economistas. E um estudante de artes dramáticas que se consagraria como ator: Edson Celulari*

Fotos: Daniel Garcia



Marília Pacheco Fiorillo



Alberto Gaspar

### “Erasmão Dias montou uma Operação de guerra na PUC”

“Nossa geração não queria dar certo, queria que tudo desse certo”. Assim a jornalista e escritora Marília Pacheco Fiorillo define as ações promovidas pelos jovens dos anos 1970. Autora de *Homens: duas sátiras e uma fábula*, recentemente publicado, Marília é uma entre centenas de jovens fichados, em 22 de setembro de 1977, por participar do ato de refundação da UNE, que ocorria na Pontifícia Universidade Católica, a PUC de São Paulo. No álbum do Dops, sua fotografia com o número 9939 revela a passagem pelo Batalhão Tobias Aguiar.

Bem humorada, ela não abrandava as críticas quando o assunto é Ditadura, tampouco se esforça como “alguns neo-historiadores” para “embelezar o governo Geisel como liberal”. Ao contrário, descreve com firmeza o que ocorreu naquele dia.

“O secretário de Segurança, Erasmo Dias, montou uma operação de guerra, *à la* Bush/Sharon, fechando os quarteirões da PUC com tanques e soltando bombas de fósforo que queimaram gravemente

muitos estudantes”. Marília, então estudante de Ciências Sociais e militante da tendência *Liberdade e Luta*, conta que os policiais encarregados da operação estavam “completamente drogados, descontrolados”, espancando todos que encontravam pela frente.

No Dops, as moças (separadas dos rapazes) eram fichadas e coagidas a assinar um documento em branco. “Agregamos *assinamos sob coação*”, acrescentou a jornalista, só liberada às 8 horas do dia seguinte. Marília lembra ainda o tom sarcástico usado horas antes por Erasmo Dias e Romeu Tuma, dizendo que não iam deixar “meninas de família andar por aí de madrugada!”

Marília, que vê um “controlado ceticismo” na juventude atual, condena o esquecimento dos crimes ditatoriais. “Esquecer é também perdoar o que não seria perdoado se a justiça e a liberdade prevalessem”. “As feridas que saram com o tempo são também as que contêm o veneno”. Cita palavras de Marcuse para explicar que a anistia nos moldes em que foi concedida — estendendo-se aos “crimes conexos”, neologismo

que designa as atrocidades praticadas por agentes da Ditadura — é um empecilho para que a democracia e o estado de direito se completem.

“A Argentina ganhou do Brasil neste particular. Acho uma vergonha não termos indiciado, julgado e processado (e condenado) os torturadores e matadores da Ditadura Militar, como se nada tivesse ocorrido... Se anistia significa o governador Alckmin promover o conhecido torturador da Oban ‘Capitão Ubirajara’, algo anda podre”, conclui.

### “Lembro perfeitamente do Calandra”, diz Gaspar

“Todos os funcionários da PUC estão dispensados. Todos os estudantes e professores da Pontifícia Universidade Católica estão dispensados. Todos os demais estudantes e elementos detidos serão presos e encaminhados ao Batalhão Tobias de Aguiar”.

A ordem expressa do coronel Erasmo Dias é uma das lembranças vivas na memória do jornalista Alberto Gaspar Filho, então estudante da ECA, sobre o dia 22 de setembro de 1977. Embora não

**Markus Sokol****Magno Carvalho**

fosse dos mais engajados, “havia aquela coisa da solidariedade, companheirismo”, que o levou à PUC naquela noite.

Dias antes, a repressão já havia ensaiado a invasão na Faculdade de Medicina da USP, na Avenida Doutor Arnaldo, onde ocorria um ato público pró-UNE, mas houve negociação. Na PUC, porém, “o coronel Erasmo Dias chegou, começou a estourar bomba e nós corremos para dentro”, recorda.

Gaspar foi conduzido, como os outros estudantes, ao Batalhão Tobias Aguiar, da Polícia Militar, e mantido por toda a noite num pátio a céu aberto, cercado por cordões. “Ninguém podia ir ao banheiro. Chegou uma hora que não dava mais para sentar, porque o chão já estava molhado. Cada um era levado separadamente para uma sala, onde tinha três ou quatro caras”, diz, referindo-se aos interrogadores.

Apesar da meia-luz do ambiente enfumaçado, reconheceu um dos policiais: “Lembro perfeitamente que era o Calandra”, Aparecido Laertes Calandra, conhecido tortu-

rador apelidado de “Capitão Ubirajara”. Antes de ser liberado, na manhã seguinte, Gaspar respondeu a um questionário, foi fotografado e vítima de algumas provocações.

Naquele período, afirma, a principal discussão no movimento estudantil da USP era sobre “sair ou não do campus”. “Em geral, a *Libelu* defendia que se fizesse manifestações na rua, as outras tendências (*Caminhando, Refazendo*) defendiam passeatas no campus”.

Ao rememorar embates travados na ECA com professores de inclinação ideológica mais à direita — como a então chefe de departamento professora Antonia Pacca Wright, formada na Escola Superior de Guerra — ou com o governo militar, Gaspar enfatiza a importância da rebeldia estudantil.

“Aquilo lá foi o caminho para a mudança. Dois anos após a invasão da PUC veio a anistia. Era um momento de transição... Lógico que havia ilusão de que iríamos para o Parque Dom Pedro, Praça Fernando Costa e derrubaríamos a Ditadura, mas... isso tudo teve seu papel”.

### **Encapuzado, Sokol foi levado ao DOI e torturado**

Aos 16 anos, Markus Sokol participou da VAR-Palmares, atuando por algum tempo na clandestinidade. Em 1973, começou a cursar Economia na USP. “Quando entrei, o movimento estudantil estava se reanimando. De 1969 a 1971 o pessoal da USP que tinha relação com o movimento de massa começou a abandonar as entidades para ingressar na luta armada. Isso foi um massacre”, lamenta Sokol, que em novembro de 1973 ficou preso por cinco dias no DOI-Codi.

“Quando voltei em 1972 para a vida legal discuti com vários grupos e participei do *Socorro Vermelho*, um fundo de ajuda aos presos políticos. Na lista dos que contribuía, a polícia encontrou gente como eu, que havia se livrado [da prisão] em 1971”.

Preso, levaram-no encapuzado para a sede do DOI, na rua Tutóia, e submeteram-no a sessões de tortura. A mobilização estudantil imediata, somada à interferência do amigo jornalista Paulo Moreira

Leite, à época no *Jornal da Tarde*, foram decisivos para libertá-lo.

Presidente do Centro Acadêmico Visconde de Cairu, da Faculdade de Economia e Administração (FEA), de 1974 a 1975, uma de suas últimas participações no movimento estudantil ocorreu na memorável assembléia geral de 26 de março de 1976, quando dividiu com Júlio Turra a defesa da reconstrução do DCE da USP, paralisado desde 1969.

Sokol foi um dos fundadores da tendência *Liberdade e Luta*, e de sua sucessora, a corrente interna

*O Trabalho*, do Partido dos Trabalhadores, de cuja direção nacional faz parte. Polonês de nascimento, Sokol só obteve sua naturalização em 1993, após 20 anos de reiteradas tentativas.

### **Também presente na PUC, Magno foi preso e fichado**

Magno de Carvalho tinha acabado de ser contratado como funcionário do Departamento de Rádio e TV da ECA quando foi preso, em 1977, no episódio da invasão da PUC pela polícia. “Eu era funcionário, mas minha com-

panheira era estudante da USP, e eu a estava acompanhando naquela tentativa de fazer o congresso clandestino da UNE. Os caras me pegaram”, lembra.

“Eles nos levaram para o Tobias de Aguiar. Tinha 800 presos e eu era o único que não era estudante”. Magno foi fichado sem ser identificado como funcionário. “Eles só me perguntaram de que unidade eu era, e eu disse que era da ECA”.

No final do mesmo ano, Magno e três de seus colegas procuraram a Associação dos Servidores da USP (Asusp) para pedir ao presidente

## **“PRIMEIRO A CAVALARIA, DEPOIS BOMBAS DE GÁS, NOS BOTARAM CEGOS E CONFUSOS”**

A seguir, depoimento de próprio punho do ator Edson Celulari, escrito de um só fôlego ao ver-se diante da imagem produzida pelo Dops:

“Aqui estou eu diante de uma foto que me traz as mais doces e curiosas lembranças. No ano de 1977 eu fazia na USP a Escola de Artes Dramáticas, a EAD, que era ligada à ECA. Esse foi um período muito rico para mim. Eu tinha 18 anos, morando sozinho pela primeira vez, na capital, vindo da pacata Bauru, onde nasci.

Viviam-se na USP, como em todo o país, os conflitos entre movimento estudantil e o então regime militar. Muitos dias deixei de ter aula por motivo de greve, assembléias ou de passeatas.



**Edson Celulari**

Eu cheguei na cidade de São Paulo com algumas dificuldades que me obrigavam a trabalhar durante o dia e estudar à noite. O meu sonho era poder aproveitar o máximo

aquela escola que era, e talvez ainda seja, a melhor para quem quer seguir a carreira de ator.

Com a falta de aula nós alunos chegamos a promover um Ciclo de Leituras de Peças Proibidas e convidamos vários diretores profissionais para dirigir: Ademar Guerra, Miriam Muniz, Silvio Zilber, Roberto Galízia entre outros. Foi a melhor participação que eu tive no movimento estudantil da época, a mais frutífera e objetiva.

Nós, dentro do campus, podíamos ler ou montar aqueles textos maravilhosos: *A Semente* do Guarnieri, *Rasga Coração* do Vianinha, *Caixa de Cimento* do Carlos Henrique Escobar, *Roda-Viva* do Chico Buarque. Foi nossa voz de protesto contra aquele re-

que convocasse uma assembléia para discutir os salários, que estavam muito baixos. “Quem estava na Associação era um pessoal de direita. Não eram nem pelegos, pelego era elogio!”, diz. “Só para você ter uma idéia, o presidente começou a gritar, apontando o dedo para a gente, dizendo que assembléia era coisa de comunista e que quem tinha que discutir salário era o Governo do Estado, e não nós mesmos”.

Este foi seu primeiro contato com a Asusp. “Foi daí que a gente resolveu montar um movimento

para puxar uma campanha salarial”. Durante dois anos, Magno e outros seis funcionários se reuniam sempre debaixo de uma árvore, no prédio da História.

“Foi o início do movimento. Quando tinha que fazer uma reunião maior, as assembléias clandestinas, a gente se reunia na ECA, na Química e na Física” (de uma dessas reuniões no Auditório Abraão de Moraes, no Instituto de Física, originou-se a primeira greve de servidores da USP, em 1979).

Posteriormente, ele foi detido em razão da militância sindical

na USP. “Por conta dessa coisa toda, eu já estava manjado aqui. O pessoal do Dops correu atrás de mim na Reitoria, mas consegui escapar. Depois, fiquei sabendo que na minha unidade tinha um dedo-duro infiltrado, que acabou me entregando. E foi daí que fui parar no Dops”.

Magno ajudou a formar a chapa de oposição que derrotou a diretoria da Asusp em 1979. Desde 1981 ele faz parte da diretoria da entidade, que em 1988 passou a se chamar Sindicato dos Trabalhadores da USP (Sintusp).

gime militar, que sufocava não só as manifestações artísticas, através da Censura, como também toda a sociedade brasileira.

Certa noite, vindo do meu trabalho de corretor de imóveis, cheguei na EAD e vi que mais uma manifestação tinha sido marcada, desta vez em frente à PUC. Então me desloquei para lá, de terno, gravata, com a pasta da imobiliária e meus cadernos da USP debaixo do braço.

Assim que cheguei percebi a tensão dos colegas, porque havia uma ameaça de invasão policial. Fui procurar meus amigos e nesse momento aconteceu o previsto: primeiro a cavalaria lançando seus cavalos sobre nós, depois foram bombas de gás, que nos botaram cegos e confusos. Corremos para dentro do prédio da Universidade, que tinha umas escadas em forma de caracol, e fomos subindo tentando

escapar do cerco policial. Mas foi em vão, pois ficamos encurralados no último andar. Vi colegas, principalmente os barbados, apanharem bastante, enquanto era solicitada a formação de uma fila.

Depois de muitos gritos e *porradas* começamos a descer e nos conduziram até os ônibus que nos levariam até o quartel que ficava na Avenida Tiradentes.

Lá enfrentamos uma longa jornada madrugada adentro, de perguntas e questionários sobre os mais diversos assuntos. A imprensa, lá fora, junto com outras entidades e figuras políticas e religiosas de expressão — nos davam, sem sabermos, uma certa cobertura.

Fomos, naquela noite, mais de 1.100 estudantes recolhidos e fixados para averiguação. Não me lembro se algum ficou detido. Na saída parentes e amigos nos receberam com emoção e alívio.

Confesso que para mim também foi bom ver o dia nascendo forte e não quadrado. Assim seguiram-se os anos... eu fazendo meu curso de ator, tentando efetivar alguma venda e vivenciando aquele período tão caótico politicamente.

Hoje vejo que bate uma saudade. Não, é claro, do regime militar, mas daqueles professores queridos que me ajudaram tanto.

O meu sonho uma parte eu realizei pois exerço minha profissão com muito prazer. A outra parte vejo que ainda falta um bocado: um País mais justo socialmente, uma nação mais séria, e uma cultura mais valorizada e respeitada.

Mas quero poder ter, debaixo do braço, meus cadernos e meus projetos, pois são eles que me levam adiante; a sabedoria de aprender sempre e a iniciativa de fazer, mesmo que tenhamos de enfrentar ventos contrários.”